

Enviado em: 08/09/2009 - Aceito em: 29/11/2009

A VISÃO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DO 1º E 4º ANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA DA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU SOBRE A ASSISTÊNCIA À SAÚDE DOS SURDOS

Marcos Augusto Moraes Arcoverde¹

Juliana Sotello dos Santos²

Luciane Galdino³

RESUMO: Objetivou-se identificar a percepção e conhecimento dos acadêmicos do 1º e 4º ano do curso de enfermagem sobre a assistência a pessoas surdas. Foi realizada uma pesquisa descritiva-exploratória. A coleta dos dados ocorreu por meio de um questionário envolvendo perguntas abertas e fechadas. A amostra foi constituída por 30 acadêmicos, sendo que destes 14 eram concluinte e 16 estavam iniciando a graduação. Os acadêmicos, de uma forma geral, compreendem a importância do conhecimento da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para prestar assistência de qualidade ao surdo, porém apontam como dificuldade a falta de oportunidade em conhecer esse público e suas necessidades durante o curso de graduação.

PALAVRAS-CHAVE: Estudante de enfermagem; Surdez; Enfermagem; Comunicação.

ABSTRACT: This piece of work aims to identify the academic perception and knowledge from the students of the 1st and 4th year of the nursing course and the assistance to deaf people. It was performed a descriptive and exploratory research. The data collection occurred through a questionnaire involving open and closed questions. The sample was consisting of 30 academics, from those 14 were ending the course and 16 were just starting college. The academics generally understand the importance of the sign language to provide quality assistance to the deaf people, but they point the difficulty to have opportunity to know this audience and their needs during the undergraduate course.

KEY-WORDS: Nursing Student ; Deaf ; Nursing; Communication

¹ Docente do Curso de Enfermagem do Centro de Educação e Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

² Acadêmica do Curso de Enfermagem da Faculdade União das Américas.

³ Acadêmica do Curso de Enfermagem da Faculdade União das Américas.

INTRODUÇÃO:

Segundo o Art. 2º do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, surdez e deficiência auditiva são definidas como:

“Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas freqüências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”

Conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2000, estima-se que existam no Brasil cerca de 5.735.099 pessoas portadoras de deficiência auditiva (IBGE, 2000).

Embora a legislação citada e IBGE abordem a deficiência auditiva e a surdez como algo semelhante, existe uma diferença ideológica, uma vez que deficiência é a falta ou a perda, enquanto que surdo abrange a dimensão política da surdez. Assim, reconhecer o surdo como surdo é percebê-lo pela diferença, ao invés da ausência (GESSER, 2008: p.225-7).

Mesmo tendo em mãos informações como estas, em que uma parcela significativa da sociedade é acometida por este tipo de deficiência, percebe-se pouco interesse dos profissionais de saúde com relação ao preparo profissional para atender adequadamente as necessidades deste público. A falta de interesse dos profissionais em relação a esta temática pode ser vista como consequência de sua própria formação acadêmica que não o prepara para o atendimento desse público. Para Pagliuca, Fiuza e Rebouças (2007: p.417) é de suma importância um maior preparo dos profissionais durante a formação acadêmica, através de ofertas de disciplinas ou cursos que promovam essa capacitação e sensibilização.

O ponto de partida para uma assistência de enfermagem qualificada seria a adequada comunicação entre o enfermeiro e o cliente. Sem a comunicação adequada à assistência de enfermagem fica comprometida e muitas vezes afastando o surdo do serviço de saúde, por sentir-se constrangido por não estar interagindo com o meio. Cabe ao enfermeiro avançar nos fundamentos básicos da comunicação com o paciente, conside-

rando uma filosofia de trabalho voltada ao atendimento e à educação das pessoas surdas, para entendê-las em suas dificuldades, intervindo nas mesmas.

Essa comunicação pode ser estabelecida através da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, que é a língua utilizada pela comunidade surda, e que pode ser definida conforme Strobel (2008: p. 44) ao afirmar que:

“A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que esta língua é que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal”

É através de uma comunicação eficiente que o enfermeiro poderá ajudar o cliente a entender seus problemas, enfrentá-los e encontrar alternativas para solucioná-los. Além disso, poderá compreender a visão do surdo, o seu modo de pensar, sentir e agir. Entendendo as suas reais necessidades e assim estar apto a prestar uma assistência adequada.

No Brasil o acesso de um indivíduo a uma adequada assistência de saúde está assegurado através das diretrizes e bases do Sistema Único de Saúde – SUS. Para que se tenha a assistência de enfermagem, uma comunicação adequada é imprescindível, e isso não foge a regra quando o assunto é assistência de enfermagem aos surdos. Porto, Chaveiro e Barbosa (2008: p 580) afirmam que:

“A comunicação é uma importante ferramenta para os profissionais da saúde no diagnóstico e no tratamento, pois faz parte deles instruções verbais de variados procedimentos, cujo resultado pode ser comprometido pela não compreensão das partes envolvidas”

A barreira da comunicação entre o enfermeiro e o surdo, não deve ser o fator predominante durante a assistência de enfermagem, mas sim a superação deste bloqueio, para que as limitações não impeçam uma assistência de qualidade. É através de uma comunicação eficiente que o enfermeiro poderá ajudar o cliente a entender seus problemas, enfrentá-los e encontrar alternativas para solucioná-los.

De acordo com Cianciarullo (2001: p. 49) a assistência de enfermagem é composta por uma série de etapas, que visam à individualização do cuidado.

Para que se tenha a assistência de enfermagem, uma co-

municação adequada é imprescindível, e isso não foge a regra quando o assunto é assistência de enfermagem aos surdos. Assim, ao se manter uma comunicação entre o surdo e o enfermeiro é necessário que o profissional tenha o mínimo de conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e as peculiaridades de uma pessoa surda.

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, diz que:

“Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”

Consultas de enfermagem feitas sem estes conhecimentos ficam comprometidas, mesmo que não se conheça a fundo a Libras é necessário conhecer e identificar o significado de gestos e expressões corporais. Segundo Strobel (2008: 46) “a língua de sinais é uma língua prioritária do povo surdo que é expressa através da modalidade espaço visual”.

Rebouças, Pagliuca e Fiúza (2007: p. 412) afirma que:

“Por meio da comunicação estabelecida com o paciente, o profissional pode compreendê-lo como ser holístico, e perceber sua visão de mundo, isto é, seu modo de pensar, sentir e agir. Dessa forma, poderá entender as necessidades do paciente e, assim, prestar assistência adequada, minimizando seu sofrimento. Nesse processo, a comunicação ocupa espaço insubstituível e se ela não é efetiva esta assistência torna-se falha”.

Considerando que o surdo necessita de uma língua adequada para poder interagir com o outro, foi criada no Brasil a lei nº 10.436 em 2002, a qual determina que instituições que promovam assistência a saúde devem garantir atendimento e tratamento adequados aos surdos.

Barbosa, Porto e Chaveiro (2008: p. 581) afirma que:

“A comunicação não-verbal é de extrema importância no atendimento aos pacientes e permite a excelência do cuidar em saúde, o profissional que a reconhece adequadamente remete significado aos sinais não verbais potencializando suas interações”.

Estudos apontam que o atendimento de enfermagem aos surdos é algo que ainda causa certo desconforto para o profissional, muitas são as barreiras, mas a principal é a dificuldade de comunicação. Para Rebouças, Pagliuca e Fiúza (2007: p.412)

isto se torna ainda mais difícil porque a assistência aos surdos e a língua de sinais é pouco difundida, e também porque literaturas que abordam este tema são quase inexistentes.

O instrumento mais utilizado pelo profissional de saúde é a comunicação, sendo assim, para que ela se torne eficaz o mesmo deve procurar o melhor método para aprimora - lá.

Barbosa, Porto e Chaveiro (2008: p.581), afirma que:

“Para o profissional de saúde uma efetiva comunicação com seus clientes propicia um atendimento de melhor qualidade: portanto a capacitação dos profissionais da saúde, para atender esses pacientes é uma necessidade urgente, uma formação que contemple os métodos de comunicação, cultura surda, noções básicas de língua de sinais e leitura-labial e como se posicionar ,rente ao atendimento do surdo, assegura o acesso aos cuidados de saúde”

Mediante o exposto o objetivo deste trabalho foi identificar a percepção e conhecimento dos acadêmicos do 1º e 4º ano do curso de enfermagem sobre a assistência a pessoas surdas.

METODOLOGIA:

Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória. Para realização desta pesquisa foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário envolvendo perguntas abertas e fechadas. O trabalho foi desenvolvido em uma Instituição de Ensino Superior Privada do Município de Foz do Iguaçu. A amostra consistiu de trinta participantes voluntários, alunos do curso de Enfermagem dessa instituição. Sendo que 16 participantes estavam no 1º ano da graduação e 14 estavam no 4º ano. A coleta de dados foi realizada através da aplicação de um questionário auto preenchido pelos acadêmicos, no final do ano letivo de 2009.

Essa pesquisa respeita a Resolução do Ministério da Saúde de 196/96 que dispõem sobre ética em pesquisa que envolva seres humanos.

Os dados foram analisados estatisticamente envolvendo as porcentagens estratificadas e analisado os conteúdos das respostas abertas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

De acordo com o questionário 100% dos acadêmicos participantes indicam que a instituição de ensino superior onde estudam não oferece suporte para que os alunos sintam-se preparados para atender ao paciente surdo, ao analisarmos a matriz curricular do curso, verifica-se a ausência de disciplina que enfoque a atenção a pessoas surdas, entretanto a instituição oferece a disciplina "LIBRAS" como optativa para todos os cursos. Assim, o que precisa ser levado em consideração é a razão pela qual esses estudantes participantes desta pesquisa não tiveram acesso a essa disciplina ou informação, ou mesmo, se tiveram, o porquê sentem-se despreparados.

Perguntado á eles quais os possíveis meios que a instituição possa adotar para melhorar a formação acadêmica preparando-os para uma assistência de qualidade aos surdos as respostas mais citadas foram por meio de uma disciplina específica que abordasse a assistência ao surdo e através de cursos de extensão, isso reforça o desconhecimento da optativa existente.

Os acadêmicos deste estudo acreditam que a presença de uma disciplina que os capacite para desenvolver uma comunicação com os surdos é essencial para a grade curricular, uma vez que através de uma comunicação adequada com a clientela surda, melhor e mais eficaz será o atendimento desenvolvido pelo profissional de Enfermagem. A maioria (87%) dos acadêmicos acha relevante ter uma disciplina específica que aborde a assistência de enfermagem aos portadores de necessidades especiais.

Todos os acadêmicos participantes compreendem que os surdos não possuem aprendizado retardado, que apesar da deficiência o surdo pode desenvolver suas faculdades normalmente e ainda pode desenvolver habilidades mais apuradas que os ouvintes.

Como formas de melhorar a qualidade da assistência prestada ao surdo os acadêmicos consideram ações importantes como a presença um interprete nas unidades de saúde para mediar à comunicação entre enfermeiro e surdo ou que o próprio enfermeiro tenha capacidade de se comunicar com o surdo para que haja o desenvolvimento de programa de educação em saúde direcionado a esse público.

Onze dentre os 14 participantes que estavam concluindo a graduação, acreditam não estarem preparados para prestar uma assistência de enfermagem através de uma adequada comunicação com a pessoa surda.

Quando perguntado aos participantes como os mesmos se comunicariam com um paciente surdo, afirmaram que se comunicariam pela de escrita, gestos, mímica, outra pessoa, e objetos.

CONCLUSÃO:

Essa pesquisa evidenciou-se que, em geral, os participantes conhecem a importância do enfermeiro ser qualificado para prestar uma assistência de enfermagem adequada ao surdos. Todos apontaram que a sua instituição de ensino superior não oferece nenhuma forma de ensino que os capacite para uma comunicação de qualidade com os surdos, no entanto compreendem a necessidade de uma formação acadêmica que aborde temas específicos sobre assistência à este público e que ofereçam suporte para o desenvolvimento de uma comunicação efetiva. Os acadêmicos que estão no 1º ano da graduação acreditam que é papel do enfermeiro realizar uma comunicação direta com os surdos durante o atendimento de enfermagem, apontando como um meio de otimizar a assistência ao cliente surdo o conhecimento da "LIBRAS". Com relação aos acadêmicos do 4º ano da graduação, a maioria acredita não estar apto para prestar uma adequada assistência a clientela em questão, no entanto acham-se capacitados a identificar, durante uma consulta de enfermagem de puericultura, sinais que justifiquem uma melhor avaliação auditiva. Apesar dos acadêmicos do 1º ano da graduação estar iniciando o curso, suas afirmações são compatíveis com os acadêmicos que estão concluindo, remetendo assim, que os conhecimentos obtidos com relação à comunidade surda foram obtidos por outros meios, independentes da Instituição de ensino.

Todos demonstraram insegurança quanto à capacitação para desenvolver assistência de enfermagem aos surdos. Essa insegurança deve ser percebida pela instituição de ensino, a qual pode propor atividades que venham a confrontar essa dificuldade levantada, visto que, a comunicação é o fator de extrema importância para a enfermagem.

Marcos Augusto Moraes Arcoverde - Juliana Sotello dos Santos - Luciane Galdino

Cabe lembrar que a Instituição já oferece alguns instrumentos para essa capacitação. Falta o aprimoramento metodológico para que os estudantes de enfermagem tenham acesso a ela.

O resultado poderá nortear a instituição para a construção de ações que objetivem preparar os acadêmicos para prestar assistência e possibilitar ao acadêmico estabelecer comunicação efetiva com o surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. **Decreto Nº5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10,436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/D5626.htm

CIANCIARULLO, Tamara Iwanow ; GUALDA, Dulce Maria Rosa ; MELLEIRO, Marta Maria; ANABUKI, Marina Anabuki. **Sistema de Assistência de Enfermagem: evolução e tendências.** 3. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.** 3º ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GESSER, Audrei. *Do patológico ao Cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas.* In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 1, jan / jun. 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico Brasileiro**, 2000. Rio de Janeiro, 2000.

PORTO, Celmo Celso CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. *Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde.* In: **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 42, n. 3, set. 2008.

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag; FIUZA, Nara Lúcia Gregório; REBOUÇAS, Cristiana Brasil de Almeida. *Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo.* **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, set. 2007.